

Jonatas Heller Julião

**EXPOSIÇÃO COMPARATIVA DAS HERMENÊUTICAS PATRÍSTICA
ANTIOCANAS, REFORMADA E RICOUERIANA SOBRE O DILEMA DA
INTENÇÃO AUTORA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Prof. Hélder Cardin em
cumprimento parcial dos requisitos para a
conclusão do curso de Bacharel.

**CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA
SEMINÁRIO BÍBLICO PALAVRA DA VIDA**

Atibaia

2006

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. PALAVRAS INTRODUTÓRIAS.....	3
3. A QUESTÃO AUTORAL NOS PAIS ANTIOCANOS E TEÓLOGOS REFORMADOS.....	7
3.1. Os Pais Latinos.....	7
3.2. Os Reformadores.....	12
4. A QUESTÃO AUTORAL EM PAUL RICOEUR.....	18
4.1 A Lingüística Moderna (Estruturalismo).....	19
4.2 Símbolos e Signos (Significado e Significante).....	24
5. HERMENÊUTICAS APLICADAS	27
5.1. Aplicação dos Princípios Hermenêuticos dos Pais Antiocanos e Reformados.....	27
5.2 Aplicação da Hermenêutica da Suspeita de Paul Ricoeur.....	31
6. CONCLUSÃO	36
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	37

1. INTRODUÇÃO

A história da teologia cristã foi fortemente marcada por disputas no campo da hermenêutica. Desde os intérpretes judeus, passando pelos apóstolos, pais da igreja, reformados e hermeneutas contemporâneos as questões referentes a intenção autoral, a visão literal do texto, a alegoria e o entendimento da primeira audiência foram idéias bastante debatidas e defendidas com “unhas e dentes” pelos respectivos elaboradores.

Os pais antiochanos e posteriormente os reformadores enxergavam as Escrituras de forma literal, em contraposição à alegoria de teólogos predominantemente católicos ou seguidores contemporâneos da Escola de Alexandria. Essa controversa se alongou até os tempos dos teólogos liberais que sofisticaram os questionamentos influenciando de forma direta e indireta a igreja contemporânea.

Mais recentemente a linguística moderna, as amplas intenções dos códigos linguísticos, a subjetividade como produto de algumas hermenêuticas contemporâneas, que de alguma forma implicam teologicamente numa ética subjetiva, vem constringendo este escritor de formação hermenêutica reformada a buscar verdadeiramente a compreensão quanto a intenção autoral que ao seu ver é a regra áurea da hermenêutica reformada. Até mesmo superior ao preceito que defende que os textos obscuros são iluminados pelos mais claros, mas que para tanto se faz necessário interpretá-los separadamente considerando a mente do autor.

Sendo assim, surgem as perguntas. Será possível encontrar a intenção autoral? Será que essa forma de interpretação literal é a melhor? Será possível buscar o entendimento compreendido pela primeira audiência? Será que a interpretação literal é a mais apropriada para a compreensão da intenção do texto? Será que a visão de códigos linguísticos não extrapola os limites da interpretação e faz do intérprete o guia para que a Bíblia diga o que se quer escutar? Será que o texto de fato é autônomo ou precisamos nos esmerarmos na busca pela mente do autor?

Com base nessas interrogativas, esse trabalho se propõe a expor e lidar com o tema da questão autoral, parte integrante da hermenêutica tradicional na visão dos Pais

Antiochanos e Reformadores, também tema recorrente nos trabalhos de Paul Ricoeur. Com essa intenção colocaremos o leitor em contato direto com os principais ideais patrísticos da Escola de Antioquia, reformados e ricoeurianos no que diz respeito à área de estudo delineada por intenção autoral.

Também observaremos como essas escolas hermenêuticas, pais antiochanos e reformadores, afirmam seu olhar sobre os textos bíblicos e assim formulam a teologia do pecado original que terá ênfase nesse trabalho. Já na aplicação dos princípios de Paul Ricoeur sobre o texto, perceberemos o ideal de suspeita em relação à teologia tradicional, e então como propõe, um novo olhar sobre o que chama de “Mito Adâmico”, pela análise hermenêutica do texto de Gênesis 3 e outros escritos.

Após examinar esse trabalho, possa o leitor dialogar sobre o tema abordado com maior entendimento de forma a interagir com os conceitos hermenêuticos apresentados. Tenha uma ótica mais íntima sobre algumas tendências hermenêuticas contemporâneas e posteriormente reaja e se posicione perante possíveis idéias dos sistemas de interpretação dos textos bíblicos vistos nesse trabalho.

2. PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A hermenêutica surge, etimologicamente e historicamente, nos primórdios do mundo Grego. Berkhof dissertando sobre o assunto afirma:

A palavra *Hermenêutica* é derivada da palavra grega HERMENEUTIKE que, por sua vez, é derivada do verbo HERMENEUO. Platão foi o primeiro a usar HERMENEUTIKE (subentendendo-se a palavra TECHNE) como um termo técnico. Hermenêutica é, propriamente, a arte de HERMENEUEIN, mas, no caso, designa a teoria dessa arte. Podemos defini-la como a ciência que nos ensina os princípios, leis e métodos de interpretação (2000, p.9).

Nas palavras de Berkhof, identificamos o princípio do uso desse termo, *hermenêutica*, e a relevância para a teologia, que tem como livro fundamental para a elaboração da doutrina cristã, a Bíblia. Assim, interpretando-a da melhor maneira possível, entendemos qual deve ser a legitimidade da compreensão e as implicações na aplicação dos princípios das Escrituras Sagradas para a vida.

Dockery compreende, corroborando com a definição acima, a etimologia da palavra hermenêutica da seguinte forma:

Do grego *hermeneuein*: expressar, explicar, traduzir, interpretar. É definida de maneira diversa, mas refere-se a uma teoria da interpretação. Segundo a tradição, a hermenêutica buscava estabelecer princípios, métodos e regras necessários na interpretação de textos escritos, especialmente de textos sagrados (2005, p.179).

Na citação de Dockery percebemos que a hermenêutica, de uma forma geral, não rege somente a teologia, mas visa lidar com um campo mais abrangente. Trabalha com textos de todas as espécies, porém, com ênfase nos sacros. Procura extrair princípios e regras legítimas que podem ser aplicadas ao longo dos tempos, como uma hermenêutica supra cultural decorrente do aspecto supra temporal dos princípios bíblicos.

Schleiermacher, teólogo alemão, entende que a hermenêutica é parte integrante da vida como um todo e nessa linha lida até mesmo com a consciência de uma criança. Lemos em citação extraída do livro de Dockery que diz:

Schleiermacher considerava que aquilo que seria entendido deveria, em certo sentido, já ser conhecido... ele sustenta que essa exposição sobre o

entendimento permanecia verdadeira em relação aos fatos da experiência cotidiana. Isso era enfatizado em seu comentário de que “toda a criança chega ao significado de uma palavra apenas por meio de hermenêutica”. A criança precisa relacionar o novo mundo àquilo que já é sabido, caso contrário a palavra permanece sem significado. Por sua vez, a criança precisa assimilar “alguma coisa estranha, universal que sempre signifique uma resistência a vitalidade original. Nesse sentido, trata-se de uma realização de hermenêutica (2005, p.156).

Para Schleiermacher, a hermenêutica era parte complementar da existência de uma criança no processo de conscientização do seu mundo e de como lidar com o novo. Esse, para ele, era um processo hermenêutico. Portanto, temos a hermenêutica como uma relação inerente ao homem, é a maneira pela qual se interpreta a própria vida e o mundo.

O Dicionário de Teologia Vida define hermenêutica da seguinte maneira:

Disciplina que estuda os princípios e as teorias de como os textos devem ser interpretados, sobretudo os textos sacros da Bíblia. A hermenêutica também se preocupa com o entendimento dos papéis e dos relacionamentos singulares entre o autor, o texto, o público – leitor original e o posterior (2000, p.66).

Então, o exercício da hermenêutica, a busca pelo entendimento dos escritos, é algo que para a Teologia se faz essencial, logo para esse escrito também. Na medida que declara a relevância para a vida em termos de princípios e regras ensinando a viver de acordo não somente com aquilo que entendemos individualmente, mas o que entendemos como produto de um olhar mais íntimo sobre as diversas interpretações de um mesmo texto, estabelecendo questões vitais para o ensino e a vida.

Dentro do estudo da hermenêutica ressaltaremos o aspecto da mente autoral. Percebemos pela definição do Dicionário de Teologia Vida, citado acima, que a hermenêutica abrange mais questões do que a mente autoral, porém nesse trabalho, serão lidas com maior ênfase as intenções originais do autor. Inevitavelmente questões do texto e também em relação à audiência primária serão mencionadas, mas concentraremos na questão do agente e seu propósito ao usar determinadas palavras dentro de uma determinada estrutura gramatical.

Para tanto, faz-se necessário nesse momento de questões introdutórias, expor o conceito mais específico que a hermenêutica tomou durante a história, que é chamada também de hermenêutica ontológica. Dolckery a define da seguinte maneira:

Nome atribuído pelos estudiosos a uma escola de pensamento iniciada primeiramente com Heidegger e assim chamada posteriormente, mas cujas raízes remontam a Dilthey e Schleiermacher; as vezes é chamada hermenêutica ontológica. Difere da hermenêutica tradicional pelo fato de não mais se identificar com a teoria de método exegético; é antes uma descrição do que constitui o fenômeno do entendimento como tal. Rejeita a idéia de que um texto possui significado autônomo em relação ao intérprete (2005, p.179).

Essa definição é necessária para delimitar e trazer à mente alguns teólogos mais contemporâneos, que estabelecem de certa forma a relevância no estudo da intenção autoral, rejeitando a autonomia do texto. Como percebemos, não foram somente os pais da igreja antiocanos¹ ou reformadores que lidaram com a idéia de uma intenção autoral, literalidade e historicidade dos textos, como parte integrante do método de interpretação. Mas também teólogos alemães como Schleiermacher e Dilthey.

A hermenêutica da suspeita de Paul Ricoeur é compreendida quando de forma dialética interage com outras ciências modernas trazendo a concepção fenomenológica que compõe o método hermenêutico. Percebemos esses elementos nas palavras de Murray redator do prefácio do livro de Ricoeur *Ensaio da Interpretação Bíblica*.

... A abordagem de Ricoeur, então, as disciplinas tais como a história das religiões (como representada por seu amigo Mircea Eliade e outros), psicanálise (com referência a Freud), lingüística (Saussure e Jakobson), e antropologia (Levi – Strauss e vários outros estruturalistas) é feita com essa relação diagnóstica ... Portanto, o diálogo de Ricoeur com as “contra disciplinas” é no final das contas controlada por sua preocupação fenomenológica com respeito às figuras autênticas da vontade, uma preocupação que merece também ser chamada existencial (2004, p.20).

Ainda quanto à compreensão, de forma embrionária, da hermenêutica da suspeita, apresentamos a definição do Dicionário de Teologia Vida que assevera o seguinte:

Expressão usada pela primeira vez pelo filósofo francês Paul Ricoeur, referindo-se à prática de interpretação que se aproxima do texto com

¹ O entendimento da expressão pais da igreja, pais latinos ou patrísticos tem como intenção expor a forma de interpretação literal da escola de Antioquia. Então a partir desse momento às expressões pais da igreja, pais latinos ou patrísticos serão diretamente relacionadas à Escola de Antioquina.

perguntas ou “suspeitas” sobre sua veracidade ou confiabilidade. Inversamente, a hermenêutica da suspeita permite que o texto coloque em questão as suposições e a cosmovisão do leitor (RICOEUR, 2000, p.66).

Tendo em vista o exposto, temos nessas definições um pano de fundo para a leitura desse trabalho de forma a facilitar a compreensão de alguns termos e caminhos pelos quais o trabalho conduzirá o leitor. A mente do autor será trabalhada de forma histórica e aplicada, trazendo como base a visão das diversas hermenêuticas exibidas pelas correntes de interpretação que a seguir serão apresentadas.

3. A QUESTÃO AUTORAL NOS PAIS ANTIOCANOS E TEÓLOGOS REFORMADOS

]Nesse momento trabalharemos a questão da intenção autoral, a busca por entender a mente do autor, sua finalidade no que diz respeito à primeira audiência e sua relevância para a interpretação. Para tanto, a visão dos Pais Latinos e Teólogos Reformados será exposta, mais precisamente nos escritos de Deodoro de Tarso, Santo Agostinho, Martinho Lutero e João Calvino e acompanharemos suas linhas de raciocínio, clareando assim a mente dos leitores desse trabalho quanto aos caminhos escolhidos por tais hermenêuticas.

3.1. Os Pais Latinos

Os pais latinos, ou pais da igreja como também são conhecidos na História na Igreja Cristã, são homens como Jerônimo, Agostinho, Gregório de Naziano, João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia entre outros que construíram os fundamentos teológicos da igreja primitiva. Os pais latinos levam esse nome, segundo Hall,

pelo fato de serem alvo daquilo que os apóstolos já faziam nos alicerces da igreja primitiva, que era instruir e guiar os discípulos pela teologia e filosofia, enfatizando os desdobramentos e verdades para a vida cristã. Lidaram com a teologia de uma forma íntegra e piedosa, de forma a revelar que as Escrituras e seu estudo era parte fundamental de uma caminhada com Jesus, muitas vezes em desertos, com um profundo amor pelas Escrituras (2000, p.52).

Percebemos ainda essa consideração pelas Escrituras quando Hall cita Jerônimo descrevendo a fé de Paula, uma cristã do quinto século.

Ela memorizou a Escritura... Insistiu comigo que, junto com a sua filha, poderia ler todo o Velho e Novo Testamento. ... Se em alguma passagem eu ficava confuso e confessava francamente que ignorava o sentido, ela de todo modo não se contentava com minha resposta, mas, por meio de novas perguntas, forçava-me a dizer quais eram os muitos significados possíveis que me pareciam mais prováveis. E eu diria ainda uma outra coisa que parecia talvez inacreditável para as pessoas intrigantes: na minha juventude, aprendi a língua hebraica até certo ponto, com muito esforço e suor, e estudava infatigavelmente para que, se eu não abandonasse a língua, ela não me abandonaria (2000, p.47).

A contribuição das mulheres na história da igreja foi fundamental e por meio desta citação percebemos a mente de teólogos, no caso teólogas, que faziam parte dessa igreja primitiva. Cristãos com muita sede da Palavra de Deus e que buscavam na exegese, línguas original e sentido literal, a real intenção do texto. A memorização, a valorização do texto e sua relevância para a alma, era de grande importância para as mentes dos cristãos dos primeiros séculos. Os pais da igreja eram homens que foram marcados pela piedade e exegese, exegese e piedade, com uma paixão intensa pelas Escrituras e sua vivência pastoral prática.

Nos escritos de Hall (2000, p.149) lê-se que Deodoro em prólogo sobre o livro de Salmos diz: “a Escritura ensina o que é útil, expõe o que é pecaminoso, corrige o que é deficiente e, assim, completa o perfeito ser humano”. Para Deodoro a Palavra de Deus era aquela que lida com as inquietações e pecados do servo de Cristo e o faz mais santo, mais puro. De novo a valorização da Palavra está presente como cerne da espiritualidade dos Pais do Deserto.

Quando pensamos em hermenêutica patrística, mais especificamente intenção autoral, primeiramente temos que definir com mais clareza o significado desse termo. Intenção autoral designa a idéia de extrair do texto à intenção do autor no momento que o texto foi escrito, perscrutar, investigar os propósitos do autor ao escrever. Esse entendimento não é apenas de exegetas do período da reforma, como Martinho Lutero e João Calvino, mas já era parte integrante da hermenêutica dos pais da igreja ou como também eram chamados, pais latinos, definidos como aqueles que desenvolveram sua literatura na língua latina.

Temos por exemplo o entendimento de Santo Agostinho, em citação feita por Lopes que afirma:

Vede, o Senhor meu Deus, quantas coisas temos escrito concernentes a umas poucas palavras (a Bíblia) - vede quantas coisas, peço-Te! Quanta força e quantas eras necessitaríamos se fôssemos tratar desta maneira todos os Teus livros? Permite-me, selecionar um único sentido que seja verdadeiro, certo e bom, que Tu inspires, apesar de que muitos sentidos se ofereçam e eu possa selecioná-los; que seja a fé da minha confissão, que eu lute para dizer da forma correta e proveitosa aquilo que o Teu ministro(o autor do texto) senti (2004, p.143).

Percebemos que para Santo Agostinho o texto só tinha uma interpretação, não importando quantas intenções hermenêuticas existiam naquela época. Para ele, apenas a que passasse pelo crivo, entendimento, busca pela intenção autoral deveria ter relevância. Ainda Lopes (2002, p.143) traz uma linda declaração de Santo Agostinho quanto à intenção autoral, que diz assim: “Primeiro, o sentido do escritor deve ser descoberto, e então, a verdade divina por ela [a Bíblia] pretendida dever ser exposta (Livro XII, cap. 32, p.43)”.

Para os pais latinos, os escritos tinham uma origem divina, causa primária em Deus. Eles entendiam que o processo de exposição desses conceitos e princípios considerava a mente do autor como forma embrionária da intenção divina, delineando os limites pretendidos para que a verdade seja compreendida conforme o ideal pretendido. Nessa direção, temos a mente do autor, seu desígnio, como ponto fundamental para a compreensão dos escritos inspirados, e suas verdades incutidas, enaltecendo a forma pela qual Deus os quis revelar.

A procura pelo propósito autoral não era somente um exercício intelectual, racional, mas parte necessária da piedade, devoção, da profunda busca desses homens pela verdade, revelada na Palavra de Deus, tendo a intenção autoral como base hermenêutica. Dessa forma, entendiam ser o sentido pretendido por Deus descoberto.

Berkhof diz o seguinte sobre Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo:

Eles foram longe rumo ao desenvolvimento da exegese verdadeiramente científica, reconhecendo, como o fizeram, a necessidade de se determinar o sentido original da Bíblia, a fim de usá-la proveitosamente. Não somente deram grande valor ao sentido literal da Bíblia, mas conscientemente, rejeitaram o método alegórico de interpretação (2000, p. 19).

A preocupação do interlocutor, no caso autor de um escrito, é se fazer entender, expor a intenção que rege o texto, como algo imprescindível para o diálogo. Sendo assim a intenção do locutor prima por uma espécie de compreensão e à medida que se entende a mensagem proclamada se compreende a verdade sobre determinados fatos.

A questão da intenção autoral é pertinente no processo hermenêutico porque nos limita, como intérpretes, ao entendimento do texto sem os nossos pressupostos modernos, estruturas codificadoras de palavras. Os vocábulos quando foram usados tinham uma intenção, um campo semântico. Quando investigamos o uso dado a eles pelo autor, percebemos a força e coerência do argumento ao invés de impor ao texto algo não pretendido pelo autor, distraindo o leitor com aquilo que faz parte da nossa estrutura hermenêutica e não da leitura e compreensão simples do texto. Os limites na interpretação do texto nos protegem quanto ao entendimento da verdade viabilizando o desenvolvimento de nossa fé.

Esclarecemos esse ideal proferido pelos pais da igreja na citação de Hall expondo as idéias de Deodoro de Tarso:

Ele (Teodoro de Tarso) desejava evitar a alegoria, porque ela está divorciada do sentido literal, histórico da Bíblia. Ela viola a substância histórica do texto, à medida que o exegeta inventa significado do nada. Aqueles que introduzem a alegoria como um instrumento hermenêutico, pois, são descuidados acerca da substância histórica ou simplesmente abusam dela. Eles possuem uma imaginação vã, forçando o leitor a tomar uma coisa por outra (2000, p.151).

Por essa citação percebemos que a idéia de Deodoro de Tarso, quanto a forma de lidar com o texto bíblico, reage a qualquer tentativa de fazê-lo onde não exista a consideração do real intento do autor. De acordo com o entendimento histórico das palavras, Deodoro defende o texto das mãos dos alegóricos da época, os quais interpretavam impondo significados inventados que não saiam da leitura normal das palavras, mas que eram retirados forçosamente dos textos conduzindo os fiéis a princípios não desejados pelos autores, sendo assim, não pretendidos por Deus, produzindo desvios na fé.

Deodoro de Tarso aplica a compreensão diante de uma realidade histórica, onde em termos de hermenêutica a luta entre literais e alegóricos era comum e Deodoro, em leitura rigorosa, trata com a hermenêutica fugindo, e muitas vezes até agredindo a *alegorese* dos alexandrinos, para defender a visão quanto à explicação literal das Escrituras. Hall (2000, p.151), citando a visão hermenêutica de Deodoro diz o seguinte: “existia uma divisão entre história, *lexis* e *theoria*. História era a substância histórica do

texto, a *lexis* era o sentido literal puro e a *theoria* era o sentido elevado de um texto obtido mediante cuidadosa exegese do sentido literal”.

Claramente percebemos a importância que Deodoro dava à exegese, o sentido literal e ao entendimento histórico das palavras e assim entendia que se chegaria a compreensão pretendida pelo autor. Mais adiante trataremos com o texto na visão de Deodoro de Tarso expondo suas definições com mais propriedade.

Quando olhamos para os Pais da Igreja, compreendemos que por trás dos produtos hermenêuticos, regras de interpretação das Escrituras e aplicação, existia um profundo fundamento de inspiração da Bíblia. Criam que ela era a Palavra de Deus. Nessa direção, para os Pais da Igreja, o movimento de inspiração era algo entendido pelos escritores no momento da elaboração do texto e essa consciência ansiada por Deus, supremo autor da Bíblia.

Os autores bíblicos compreendiam o que estavam produzindo. Sabiam que o evento divino que estavam fazendo parte era a escrita dos mandamentos do Senhor (I Cor 14.36). Talvez não tinham a compreensão de todos os desdobramentos daqueles escritos, mas traziam ciência que compunham a Palavra de Deus. Sendo assim, os pais latinos compreendiam que as palavras usadas foram aquelas que o autor aspirou, inspirado por Deus, para apresentar ao alcance dos mortais perspectivas divinas. Propunham que somente pelo sentido literal e histórico das palavras à verdade era revelada. Esse ideal de reconhecimento da intenção autoral era *sine qua non* para que a interpretação leal das Escrituras fosse atingida.

Para os teólogos da igreja primitiva, o texto era algo que deveria ser entendido de forma rigorosa, literal e não alegórica. Não desejavam impor sentidos não pretendidos ao texto, mas pelo crivo da exegese, extraíam o sentido histórico das palavras usadas pelos escritores Bíblicos revelando a verdade que era produto da reflexão sobre o texto, suas palavras entendidas literalmente. Nos escritos de Hall se faz claro esse intuito.

Os intérpretes bíblicos conservadores (patrísticos) treinados em exegese gramático-histórica provavelmente terão uma clara visão do contexto histórico e cultural, político e teológico e das considerações léxicas e

gramaticais. Eles trabalharão pesado para ouvir o que o texto pode ter dito aos seis ouvintes originais (2000, p.153)

Essa citação corrobora e fundamenta a intenção dos Pais Latinos em sua hermenêutica, a busca intensa pela mente autoral e o entendimento da primeira audiência, para então legar à igreja princípios bíblicos.

3.2. Os Reformadores

A Reforma, afirmam alguns escritores, foi produto de um ideal hermenêutico. Não apenas uma reforma teológica, mas, sobretudo uma reforma hermenêutica que trouxe à escola alegórica, medieval, a verdade quanto à explicação e aplicação dos textos bíblicos, a forma literal de interpretação. Assim Martorelli Dantas (2006, p.3) citando Ramm, no livro *Protestant Biblical Interpretation* diz: A reforma foi essencialmente uma reforma hermenêutica, uma reforma na maneira de ver a Bíblia. Assim, os alicerces da reforma, que fluíam da reavaliação hermenêutica, implicavam em teologias fruto da consideração pela exegese em busca da intenção do autor no texto.

Lopes quando se refere à Reforma Protestante diz:

A Reforma Protestante foi, em muitos sentidos, um movimento hermenêutico. Representa um momento crucial na história da interpretação cristã das escrituras. O domínio de séculos de interpretação alegórica é finalmente quebrado (2004, p.159).

A exposição de Augustus Nicodemus apóia a visão sobre os pressupostos da Reforma. Reafirma as bases e seu ideal reacionário contra a expressão hermenêutica vigente, a alegoria dos adeptos da Escola Alexandrina.

Porém, antes de continuarmos se faz importante definirmos o termo exegese. Anglada (2006, p.2) define da seguinte forma: "É o estudo das Escrituras que visa descobrir o sentido original pretendido pelo autor". Logo, a exegese era o veículo pelo qual se dava a busca da intenção do autor. Portanto, se desejamos entender elementos cruciais da luta dos reformadores por um entendimento não manipulado pela igreja oficial, Igreja Católica Romana, temos que compreender que a exegese foi o "carro madrinha" para a consideração da verdade revelada por Deus de forma literal.

O termo exegese é definido no Dicionário de Teologia Vida (2002, p.54) da seguinte forma. “extrair significado de”. “Refere-se ao processo de buscar entender o que um texto quer dizer ou significar por si mesmo”. Essa definição traz a idéia de que o texto contém a verdade, portanto, o extrato dessa busca está no debruçar encontrar no texto o que Deus quis revelar.

Dockery, define exegese da seguinte forma.

Exegese significa “explicação do significado de um texto em seu contexto original”. Na teologia cristã, a exegese baseia-se no pressuposto de que a Bíblia é, em algum sentido, a palavra de Deus e a humanidade é o recipiente de sua mensagem. Exegese e hermenêutica são, as vezes, usadas como sinônimos, mas podemos distingui-las da seguinte forma, a exegese pergunta: “o que o texto significou para o emissor e receptor originais?”, enquanto a hermenêutica pergunta: “o que o texto significa para o leitor atual? (2005, p.178).

Para os reformadores a exegese era fundamental. O movimento da Reforma Protestante retorna aos ideais patrísticos, da Escola de Antioquia, para assim, reagir contra as falácias da Igreja Romana quanto ao entendimento da salvação pela fé e outros elementos, que decorrentes da manipulação textual implicando em uma teologia equivocada.

Lopes (2004, p.159) assevera sobre esse assunto quando diz: “O retorno aos princípios de interpretação defendidos pela escola de Antioquia marca a pregação, o ensino e os princípios dos reformadores”. A compreensão dos elementos da hermenêutica patrística, os quais dedicamos o capítulo anterior, são novamente utilizados definindo a maneira pela qual enxergavam as Escrituras e a intenção autoral.

Quando pensamos em uma reforma hermenêutica, trata-se de um retorno histórico teológico a valorização do texto inspirado, que revela a beleza dos princípios e de como por meio da exegese podemos extraí-los e aplicá-los. Em vista disso, o texto bíblico é valorizado e as manipulações vigentes são descartadas assim por meio da exegese o interprete se atém ao texto e não na liberdade intencional do leitor. Para os reformadores que lutaram por uma liberdade eclesiástica, é evidente que somente por meio do entendimento literal dos textos isso poderia ocorrer.

A igreja Católica reinava também no âmbito da interpretação e o trabalho do exegeta, segundo Berger (1999, p.104) “era fazer valer a riqueza da Escritura diante de qualquer nivelamento causado pelo uso e pela cooptação por parte da igreja”. Assim percebemos que o trabalho do exegeta suplanta as intenções da Igreja, sejam elas quais forem e também os pensamentos seculares da época. Isso era algo defendido severamente pelos reformadores. Desse modo a exegese entrega as Escrituras como avaliação e legitimação dos dogmas da Igreja.

A mente dos homens da época Medieval era marcada por um forte e muitas vezes até insensato, respeito pelos ideais católicos romanos, que coagiam a fé cristã. Os pensamentos que regiam aquela sociedade também estavam presentes nas perspectivas hermenêuticas até o advento dos reformadores. Em síntese, a idéia medieval era que por meio da igreja, seus dogmas, se enxergasse as Escrituras, elevando as tradições ao nível de princípios. Com os reformadores acontece justamente o contrário, os dogmas são aferidos e a igreja vigente é descoberta e precisa se render aos princípios e desdobramentos que saem da exegese, leitura literal das Escrituras.

Lopes desenvolvendo a ênfase que a Reforma Protestante tinha em relação à valorização do texto como inspirado diz:

Os reformadores estavam conscientes de que a Bíblia era um livro humano, isto é, foi escrita por homens em uma linguagem humana, vivendo numa época e cultura específicas. Por outro lado, reconheciam o caráter divino da mesma. Empregaram todos os recursos disponíveis na época para o estudo bíblico, mas suas conclusões eram controladas pela doutrina da inspiração, veracidade e infalibilidade das Escrituras (2004, p.160).

Com árduo trabalho os reformadores se afadigavam no estudo das Escrituras, e como os Pais da Igreja, também a valorizavam. Por de traz de sua hermenêutica literal existia o fundamento de inspiração muito claro, onde os escritores eram cientes do processo pelo qual estavam sendo submetidos que era a escrita da própria palavra de Deus.

Schenelle falando a respeito do reformador Martinho Lutero, traz com nitidez essa intenção dos reformadores, quando diz:

De acordo com essa descoberta, a interpretação precisa se ater ao sentido literal direto do texto (*sensus literalis et historicus*). O critério da interpretação correta das Escrituras não é mais a concordância com a tradição eclesiástica, mas o consenso interno da própria Escritura, pois a Escritura é “por si própria a mais certa, a mais facilmente acessível, a mais bem compreensível, que a si mesma se interpreta, que examina, julga e ilumina todas as palavras de todos”(*ipsas per sese certissima, facilima, apertissima, sui ipsius interpretes, omnium omnia probans, iudicans et iluminans*) (2004, p.157).

Em vista do exposto, percebemos que o sentido literal, a interpretação do texto a luz da intenção autoral, foi o foco do resgate da teologia reformada, e que expôs a ilegitimidade do pensamento da época, a tradição eclesiástica da Igreja Católica Romana, elevando novamente o papel literal e normal do entendimento do texto e a ação inequívoca do Espírito Santo.

Ainda Lopes, discorrendo sobre as palavras de Martinho Lutero, diz:

Os reformadores ensinavam que cada texto tem um só sentido, que é o literal - a não ser que o próprio contexto ou outro texto das Escrituras requiera claramente uma interpretação figurada ou metafórica do texto (2004, p.161).

Mais uma vez se adentra a realidade da mente dos reformadores. O texto só tem um sentido e esse deve ser buscado por meio da exegese, do entendimento das palavras usadas pelo escritor e sua intenção ao compor o escrito. A verdade está no texto e não nas compreensões diversas, efetuadas pelos alegóricos e escolásticos da Idade Média.

Quanto à questão mais específica de intenção autoral, os reformadores foram incisivos, declarando que a exegese era fruto de uma compreensão de que as Escrituras eram inspiradas por Deus, também em suas palavras e sentidos, e que para entendê-la era necessário achar a mente do autor, seu intuito. Lopes dissertando sobre os sentidos da interpretação alegórica diz:

Em lugar do conceito de *alegorese* medieval de que um texto da Bíblia tinha quatro sentidos, os Reformadores insistiam que havia apenas um sentido, que era o pretendido pelo seu autor humano. Já que o autor humano havia sido inspirado por Deus, havia a consciência de intenções. Logo, achar o sentido do autor humano, era achar o sentido pretendido por Deus. Como intérpretes bíblicos, eles se preocuparam, no geral, em determinar a intenção do autor, que era geralmente o sentido literal de uma passagem, a não ser que o próprio

autor indicasse o contrário. Essa era a chave que abria o sentido do texto e determinava o seu sentido (2004, p.164).

Berkhof, tratando da hermenêutica de Martinho Lutero diz o seguinte:

Embora, Martinho Lutero, não desejasse reconhecer nada além do sentido literal e falasse desdenhosamente da interpretação alegórica não se afastou inteiramente do método desprezado. Defendeu o direito do julgamento particular; enfatizou a necessidade de se levar em consideração o contexto e as circunstâncias históricas; requeria a fé e discernimento espiritual ao intérprete; e desejava encontrar Cristo em toda a parte da Escritura (2000, p.25).

Para João Calvino interpretar as Escrituras era retirar dela, por meio da exegese, a intenção do autor e assim afirmar com segurança as verdades a respeito de Deus esclarecidas nos textos. Para tanto os recursos utilizados eram o estudo etimológico, o entendimento histórico cultural das palavras e outros elementos que compôs a exegese.

A busca de João Calvino pelo entendimento do texto era intensa, porque visava à verdadeira piedade. Os teólogos reformados, assim como os patrísticos, não tentavam fazer teologia longe da cruz e da ressurreição, para eles a teologia era parte fundamental e integrante da piedade. João Calvino escrevendo sobre Mateus 2.23, citado por Lopes, expõe o método literal e revela seu processo.

Mateus não deriva “nazareno” de “Nazaré”, como se existisse uma conexão etimológica real e certa entre as duas palavras. O que temos aqui é uma mera alusão. *Nazir* (em hebraico) significa santo e devotado a Deus, e por sua vez deriva-se de *nazar*, que significa separado. É certo que os judeus chamavam uma certa flor (aliás, a insígnia da coroa real) de *nazar*. Mas não há qualquer dúvida de que aqui Mateus usou a palavra no sentido de santo. Em nenhum lugar lemos que os nazarenos floresceram; mas lemos em Números 6.4 que eles eram separados para Deus conforme prescrito na Lei (2004, p.165).

Lemos nas palavras de João Calvino a amostra daquilo que era a exegese reformada, cuja parte dos fundamentos surgia nos Pais Latinos que mais uma vez influenciava a hermenêutica dos reformadores. A busca pelo entendimento do texto no seu ambiente pretendido, a intenção do autor era algo que fazia parte da exegese reformada e patrística, algo singular no estudo das Escrituras.

Em Berkhof (2000, p.26), encontramos a síntese mais clara do entendimento de Calvino quanto ao método de interpretação “... considerava [João Calvino] que a

primeira função de um interprete era deixar o autor dizer o que ele diz, ao invés de atribuir o que pensamos que ele queria dizer”. Para Berkhof (2000, p.25), de longe Calvino é o maior teólogo que já existiu, e em suas palavras ele afirma: “Calvino foi, por consenso, o maior exegeta da Reforma. Suas exposições cobrem quase todos os livros da Bíblia, e seu valor ainda é reconhecido”.

Estabelece-se, então, o legado da ênfase sobre a intenção autoral em João Calvino, que constrói um fundamento essencial para a compreensão dos textos bíblicos conforme foram intentados. A busca pela mente autoral era entendida como algo possível, legítimo e essencial.

4. A QUESTÃO AUTORAL EM PAUL RICOEUR

Em meio a eruditos da Hermenêutica contemporânea encontramos Paul Ricoeur. Filósofo francês, nascido em 1913, na cidade de Vallery. Educado por família protestante dentro da França Católica, depois de ficar, aos 2 anos de idade, órfão. Dentre seus caminhos acadêmicos se formou no ano de 1935, em filosofia, na Faculdade Sorbonne.

No tempo da Segunda Guerra Mundial, foi prisioneiro de guerra por 5 anos e após esse período foi para Estrasburgo, lecionar a matéria de História da Filosofia e algum tempo mais tarde voltou para Sorbonne e no dia 20 de Maio de 2005, faleceu na França.

Paul Ricoeur preocupou-se em apresentar no campo filosófico, não somente uma resposta à fé, mas sobretudo pensar questões da vida, dilemas existenciais. Vivendo em um ambiente pós-movimento liberal, permaneceu firme na busca de uma forma autêntica de lidar não somente com a hermenêutica bíblica, mas também consigo mesmo, por meio da reflexão.

A compreensão reflexiva de Ricoeur (2004, p.21), derivada de Jean Nabert, é exposta nas consecutivas palavras. “...reflexão é a apropriação de nosso esforço, a posse de um esforço para existir, e o desejo de ser através de ações que testemunham desse esforço e desejo”. Ao olharmos para os escritos ricoeurianos encontramos diligência por um existir consciente, entendimento que implica na forma de enxergar e explicar o mundo e a si mesmo, por meio de uma hermenêutica que interpreta o mundo (*kosmos*) e o homem (*antropos*).

Assim, com um olhar existencialista, Paul Ricoeur é conhecido e desenvolve seus postulados no campo da hermenêutica. Mudge, em referência a Ricoeur, diz:

A obra de Ricoeur aproxima posições geralmente vistas como pólos opostos. Com os “conservadores” bíblicos ele compartilha reverência pelo sentido do texto dado, o texto final. Ele não está preocupado em tirar conclusões a partir do texto de seu fundo histórico, das circunstâncias em que foi escrito, do

estado espiritual dos autores, ou mesmo do encontro existencial dos seguidores (RICOEUR, 2004, p.10).

Nessa direção entendemos que a bandeira hermenêutica levantada por Paul Ricoeur não leva em consideração, com muito afinco, as ligações com uma hermenêutica mais conservadora, e que muitas vezes a chama de “romântica”, ainda que de certa forma busque relação semântica literal com o texto final. Mas sobretudo percebemos em seus escritos uma busca intensa pela compreensão das Escrituras como algo que transcende as escolas hermenêuticas existentes, e que o desafia a criar uma teoria mais coerente em seus estudos.

Ainda Mudge se referindo a Paul Ricoeur diz:

A famosa “aposta” à qual Ricoeur tem feito uso é uma aposta filosófica que, seguindo a “indicação do pensamento simbólico” terei uma compreensão muito melhor do homem e da ligação entre o ser do homem e o ser de todos os seres (RICOEUR, 2004, p.10).

Permanece nessa citação o ideal ricoeuriano de desenvolver uma hermenêutica que não se preocupa aos dogmas conservadores existentes, mas se lança na compreensão de uma forma de enxergar o texto que suplanta o método literal e se fixa nos símbolos. Para ele, os símbolos são o cerne, o ponto nevrálgico do entendimento do texto. Não aquilo que o texto diz em si, mas suas diversas nuances de sentidos em contraposição a outras palavras do texto. Os capítulos posteriores se preocuparão em expor esses ensinamentos com mais clareza.

4.1 A Lingüística Moderna (Estruturalismo)

Paul Ricoeur, na composição dos argumentos para o entendimento da questão autoral, se apega a uma das visões contemporâneas da lingüística encontrada nos Escritos de Ferdinand Saussure, mais especificamente em seu livro *Course de linguistique générale*, onde Saussure expõe as perspectivas e compreensões em relação ao discurso, como forma de relacionamento e interlocução.

Ricoeur recorre a Saussure, estruturalista², em relação à distinção entre *langue* e *parole* dizendo o seguinte:

A recessão do problema do discurso no estudo contemporâneo da linguagem é o preço que devemos pagar pelas tremendas realizações levadas a cabo pelo famoso *Cours de linguistique générale*, do lingüista suíço Ferdinand Saussure. A sua obra funda-se numa distinção fundamental entre a linguagem como *langue* e como *parole*, que configurou fortemente a lingüística moderna. *Langue* é o código ou conjunto de códigos – sobre cuja base falante em particular produz a *parole* como uma mensagem particular (1999, p.14).

Lemos que na mente de Paul Ricoeur a lingüística moderna de Saussure é o cerne embrionário que trabalhará a questão do entendimento da mensagem pela compreensão de seus códigos, *langue*, e mensagem *parole*. Paul Ricoeur, entende que na hermenêutica contemporânea essas duas definições são capitais para a composição de uma interpretação real. Saussure foi quem levantou a questão e abriu as cortinas do palco para que a filosofia existencialista de Paul Ricoeur encenasse, e ali estabelecesse uma das mais modernas formas de compreensão e interpretação de textos sagrados.

Na contribuição lingüística de Saussure encontramos com maior profundidade o entendimento de *langue e parole*. Ricoeur dissertando ainda sobre essa questão diz:

a mensagem (*parole*) é individual, mas os seus códigos (*langue*), são coletivos. Nesse sentido a mensagem, sentidos derivados da junção de códigos, tem uma intenção específica, mas os códigos não (1999, p.15).

Ricoeur ainda fala:

A mensagem e o código não pertencem ao mesmo tempo da mesma maneira. Uma mensagem é um evento temporal na sucessão de eventos que constituem a dimensão diacrônica do tempo, ao passo que o código está no tempo como um conjunto de elementos contemporâneos, isto é, como um sistema sincrônico. Uma mensagem é intencional; é intentada por alguém. O código é anônimo e não intentado (1999, p.15).

O que apreendemos da hermenêutica ricoeuriana é que na linguagem deve se ter claramente essas diferenças entre *langue e parole*, pois assim encontraremos com maior nitidez a forma que deve ser compreendido o texto. O fato da mensagem ser intentada,

² Intérprete adepto do Movimento amplo da CRÍTICA literária que incorpora várias formas de interpretação. O estruturalismo sustenta que o significado é produto das “estruturas profundas” - meios de entendimento básicos e universais, e elementos articuladores – encontradas no texto. O estruturalismo busca identificar e classificar essas estruturas e depois empregá-las como auxílio na interpretação.

leva-nos ao entendimento que o texto deve ter uma intenção autoral, aquilo que o autor quis dizer com as palavras que usou e os sentidos que as deu. Mas no entendimento dos códigos vemos que estes transcendem o tempo e não estão fixos a uma única semântica. Outras interpretações, de acordo com os sentidos modernos que esses códigos adquiriram, precisam ser consideradas e analisadas, porque os códigos não estão presos à intenção autoral e sim a mensagem, o sentido inconsciente que o autor intentou ao texto.

Interessante é perceber que a composição de Paul Ricoeur, em relação a *langue* e *parole*, é bastante ampla. Ampla no sentido de conter a junção de diversas matérias científicas para o entendimento do texto acrescentando ao leitor ferramentas que aumentarão a sensibilidade na interpretação real dos textos. Ricoeur, no livro Teoria da Interpretação, diz:

Mesmo se a *parole* pode escrever-se cientificamente, cai sobre a alçada de muitas ciências, incluindo a acústica, a filosofia, a sociologia e a história das mudanças semânticas, ao passo que a *langue* é o objetivo de uma única ciência, a descrição dos *sistemas sincrônicos* da linguagem (1999, p.16).

Para Ricoeur a interpretação passa por uma compreensão bastante larga do texto, não somente o que o escritor quis dizer mas, o que a mensagem diz. Essa interpretação não exalta somente a importância daquilo que o autor intentou, mas o que os leitores escutam, ouvem, sentem e que mexe diretamente com as emoções e imaginações de cada indivíduo. Sendo assim, de acordo com cada pessoa as palavras podem adquirir um sentido.

Nessa linha encontramos um olhar também psico social e não somente gramatical em relação ao texto. Os sentidos transcendem a intenção autoral. Ainda implicando seus escritos, Ricoeur assevera:

Este panorama das principais dicotomias estabelecidas por Saussure é suficiente para mostrar porque é que a linguística conseguiu progredir sob a condição de por entre parênteses a mensagem por mor do código, o evento por mor do sistema, a intenção por mor da estrutura, e a arbitrariedade do acto pela sistematicidade das combinações dentro de sistemas sincrônicos (2004, p.15).

Ainda no sentido do uso das ciências modernas para a compreensão do texto temos nas palavras de Mudge o seguinte.

Aqui ao que parece estão as raízes conceituais de Ricoeur, expressa na citação no início dessa sessão, que a compreensão do ego é sempre indireta e procedem da interpretação de sinais dados fora de mim pela cultura e história e pela apropriação do significado desses sinais. É fundamental para qualquer compreensão adequada de Ricoeur notar que sua fenomenologia é assim montada para estar aberta aos “sinais” gerados pelas “contra-disciplinas”, e de fato fazer a leitura do significado da existência humana “em” um mundo repleto de tais expressões geradas pelas ciências naturais e sociais, bem como pela história da cultura (2004, p.20).

Mais uma vez encontramos em Paul Ricoeur a ciência da forma de lidar com o texto, onde a compreensão da mensagem é superior aos códigos usados, o evento ocorrido na composição é superior ao sistema de entendimento e a intenção do autor é mais ampla do que a estrutura gramatical pode conceber, ainda que lance mão de uma estrutura para limitar as interpretações, ainda assim, faz com que a intenção autoral seja de qualquer forma inadequada para a compreensão exaustiva da mensagem.

De certa forma, o que Paul Ricoeur quer dizer é que não existe uma forma unívoca, único sentido, de se entender uma mensagem. Ricoeur (1999, p.34), chama alguns hermeneutas conservadores de “romancistas”, porque pregam que é necessária somente a forma estrutural para dar ao texto os seus reais sentidos, que é a exposição da intenção autoral.

Ricoeur entende que a forma estrutural não é exaustiva na compreensão do significado do texto, da mensagem proclamada, daquilo tudo que o texto teve e tem a dizer, mas ainda assim, a estrutura sincrônica é importante e essencial para a compreensão do texto. É necessária uma junção entre o entendimento estrutural sincrônico e diacrônico. Expondo sobre o tema, ele diz:

Uma abordagem sincrônica deve preceder qualquer abordagem diacrônica, porque os sistemas são mais inteligíveis do que as mudanças. Quando muito uma mudança é uma mudança, parcial ou global num estado de um sistema. Por conseguinte, a história das mudanças deve vir depois da teoria que descreve os estados sincrônicos do sistema (1999, p.16).

A relevância da compreensão estrutural, sincrônica do texto, é enfatizada e faz parte do processo pelo qual o leitor irá desenvolver a leitura e compreensão do texto.

Isso é importante dizer porque Paul Ricoeur não está rechaçando toda e qualquer estrutura gramatical ou sincrônica, mas coloca o lugar e papel à mostra dentro do entendimento do texto.

As mudanças, nesse caso semânticas, também estão estabelecidas dentro de sistemas, estruturas, e por isso Paul Ricoeur não devasta com a compreensão primeva das palavras como estruturas, ou seja, dentro de uma estrutura social, gramatical, histórica, mas, de novo, dá a elas o lugar específico, dentro da estrutura de interpretação.

Ainda pensando sobre a questão de *langue*, Lopes cita diretamente Saussure em relação à definição e desdobramentos dos termos inseridos.

Uma comparação com o jogo de xadrez fará compreendê-lo melhor. Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema de regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo (2004. p.216).

Essa citação é interessante porque transparece bem a compreensão de Saussure quanto ao entendimento da *langue*. O jogo de xadrez, a compreensão exaustiva como um jogo, não leva em consideração o lugar histórico, lugar de nascimento, e isso Saussure diz que é de ordem externa, não muda nada em relação ao jogo, pode se jogar xadrez sem saber da onde veio, e para jogar, a história está em segundo plano. Ainda, se as peças de madeira forem trocadas por peças de marfim, também não há problema com o jogo em si, porque não importa a essência das peças, isso não muda em nada o jogo. Porém, se a quantidade de peças variar, levará consigo não somente a desestruturação do jogo, não será mais xadrez, como também toda a história de composição.

É daqui que parte então, a compreensão da *langue*. Não é que a estrutura não tenha valor. Não é que a história, cultura onde os códigos foram aproveitados tenha problema, mas que a compreensão da mensagem não se encerra na história, porque na composição da mensagem existia compreensões que fugiam da mente autoral, da intenção que o autor quis dar àquela mensagem, que estão contidas em uma gramática universal inconsciente.

Lopes fala sobre isso da seguinte forma:

O trabalho do lingüista e do intérprete é com as estruturas da linguagem à qual os textos pertencem. O motivo é que o autor de uma passagem, mesmo que tenha escrito com uma intenção consciente, transmitiu inconscientemente uma série de outros sentidos através da estrutura que governa todas as línguas. O principal objetivo do interprete é estudar essa estrutura (2004. p.216).

4.2 Símbolos e Signos (Significado e Significante)

Os signos são, na definição de Saussure, de quem Ricoeur decorre as elucubrações, componentes do sistema que forma a *langue*, os sentidos da mensagem. Na compreensão de Saussure temos a distinção de significado e significante que contemplam e fundamentam todas variações dos códigos ou signos.

Primeiramente temos a variação entre símbolos técnicos e símbolos simbólicos.

Os símbolos técnicos são os entendimentos literais que saem diretamente da interpretação do texto e lançam o sentido simbólico a atuação. Os símbolos técnicos são chamados também, por Ricoeur, de símbolos primários ou intenções primeiras, é o que podemos dizer a primeira intenção do símbolo exposto no texto (1988, p.278).

Ricoeur dissertando sobre a questão dos signos diz:

Estes símbolos primários mostram em claro a estrutura intencional do símbolo. O símbolo é um signo, pelo fato de que, como todo o signo, ele visa além de alguma coisa e vale por essa alguma coisa. Mas nem todo signo é símbolo; o símbolo recepta na sua mira uma intencionalidade dupla. Há primeiro que tudo a intencionalidade primeira ou literal, que, como toda a intencionalidade significante, supõe o triunfo do signo convencional sobre o signo natural (1988, p.278).

Notamos que Paul Ricoeur compreende que existe um sentido, um significado literal para o texto que chama de símbolos primários, que de certa forma contempla alguma intenção primeira, dizem o que se tem a dizer de forma transparente mas não absoluta e assim abrem espaço para o entendimento duplo ou simbólico do texto, assim, expandindo a compreensão do leitor sobre o símbolo. A isso podemos chamar de signo simbólico.

Os signos simbólicos são, atrelados a compreensão da *langue*, a mensagem de indefinidas interpretações dentro da estrutura contextual, no campo das idéias, que dá ao texto um sentido mais amplo, não literal.

Ricoeur diz:

Os signos simbólicos são opacos, porque o sentido primeiro, literal, patente, visa ele próprio analogicamente um sentido segundo que não é dado de outro modo senão nele. Esta opacidade é a própria profundidade do símbolo, inesgotável como se dirá (1999, p.16).

Percebemos nessa citação que a compreensão toda de um texto não deve se minimizar somente pela compreensão do sentido literal do texto, ainda que o contemple, mas a agregação do sentido simbólico do texto, interpretações não tão claras mas que estão a dizer na mente do leitor.

Interessante é enxergar que na ótica de Paul Ricoeur não existe um afastamento radical da interpretação reformada e nem um afastamento extremo dos liberais. A impressão que se tem é de um trânsito entre esses dois momentos históricos em busca de uma avaliação honesta que agrega aquilo que os dois movimentos tiveram e têm a contribuir para uma consideração mais integral.

Quando pensamos em termos de intenção autoral, na medida em que lemos Ricoeur, vemos, ainda que em parte obscura, uma tentativa de entender a historicidade dos signos, mas também a diacronização dos mesmos, devido a compreensão a respeito dos símbolos e as mais profundas intenções.

De certa forma, ainda pensando na questão da intenção autoral, Paul Ricoeur ao definir separando os signos dessa forma, técnicos e simbólicos, dá ao leitor um amplo campo de interpretação. Porque na realidade é impossível compreender o sentido literal, a mente autoral, e ainda que se entenda em parte o signo técnico, esse não é exaustivo.

Portanto, em Paul Ricoeur, existe de certa forma uma desconsideração prática em relação à intenção autoral, e nas suas próprias palavras lemos:

Não a intenção do autor, que se supõe estar escondida por trás do texto; não a situação histórica comum ao autor e seus leitores originais; não as expectativas ou sentimentos desses leitores originais, nem a compreensão deles mesmo como fenômeno histórico cultural. O que se deve tomar posse é do significado do texto em si, concebido de um modo dinâmico como a direção do pensamento aberto pelo texto (2004, p.24).

5. HERMENÊUTICAS APLICADAS

Nesse momento olharemos para as escolas patrística, reformada e ricoeuriana e traçaremos os conceitos práticos sobrepostos aos textos bíblicos e teológicos e assim extrairemos a funcionalidade dos métodos e os produtos teológicos doutrinários elaborados.

A questão do pecado original que é produto de um olhar hermenêutico sobre os textos bíblicos, a partir do livro de Gênesis e outros textos, será exposto e assim também os princípios que as escolas estão dispostas a exaltar. Dessa forma compreenderemos melhor como a questão autoral é avaliada por essas estruturas.

Percebemos que as escolas unidas nesse trabalho, patrística e reformada, se estabelecem sobre pressupostos que em relação a Paul Ricoeur estão a uma distância abismal. Existe um percurso enorme entre os fundamentos primevos dessas duas escolas desdobrando em práticas bastante opostas. Logo, ofereceremos tanto a dinâmica hermenêutica quanto a reflexão sobre a verdade em relação aos pressupostos.

Esse capítulo se fará observando os escritos de Santo Agostinho, João Calvino e outros, juntamente com os de Paul Ricoeur na questão do pecado original e sua transmissão. Não faremos de forma exaustiva, nem com olhar crítico sobre os produtos teológicos, mas consideraremos os pontos mais importantes propostos nesse trabalho, uma visão da metodologia hermenêutica sobre a questão autoral.

5.1. Aplicação dos Princípios Hermenêuticos dos Pais Antiochanos e Reformados

A doutrina do Pecado original foi elevada na tradição cristã por Santo Agostinho e posteriormente assumida por João Calvino. Agostinho a explícita no livro das confissões, e Calvino a fundamenta com maior abrangência no tratado da fé cristã, também conhecido como As Institutas, mais especificamente no capítulo primeiro do livro segundo.

Ao observarmos esses textos e, sobretudo, concentrando o olhar sobre a questão da intenção autoral, vemos que a prerrogativa não está explícita e sim implícita na busca dos pais ancestrais e reformados por uma interpretação fiel e simples do texto Sagrado. Nos comentários vemos uma forte consideração às Escrituras e assim a procura intensa pela literalidade do texto que implica na investigação da intenção autoral.

Nos pais da igreja, a visão quanto as Escrituras, autoridade e relevância, era algo de grande importância sendo assim o valor das Escrituras como fundamento ético teológico e as implicações absolutas era algo aprendido e transmitido por meio de teólogos sérios. White, ao citar Cirilo de Jerusalém, diz o seguinte com respeito às Escrituras:

Com referência aos divinos e sagrados mistérios da fé, nem mesmo a mínima parte deles pode ser transmitida sem as Escrituras Sagradas. Não se deixem levar por palavras sedutoras e argumentos engenhosos. Mesmo com respeito a mim, que lhes digo estas coisas, não se apressem em acreditar, a menos que recebam das Escrituras Sagradas a prova das coisas que lhes anuncio. A salvação em que acreditamos não é provada por raciocínio engenhoso, mas das Escrituras Sagradas (2000, p.35).

Cirilo desempenha a teologia com a mente fixa nos escritos bíblicos. Percebemos nessa citação, um apego e uma convicção forte em relação à suficiência dos Escritos Sagrados, a relevância e superioridade em relação aos adocicados argumentos humanistas da época. O olhar sobre o texto, estrutura, demonstrava que a Bíblia revelava Deus ao homem e que só por meio dela o homem chegaria à salvação e esse era o pressuposto fundamental para a fé.

Esse ideal, também encontramos em Agostinho na questão do pecado original, que nasce com uma ótica concentrada nas Escrituras, leitura simples da mesma que busca no autor a revelação das doutrinas para combater as heresias das igrejas do primeiro século. Com firmeza Agostinho rebate os ideais de Felicem, em texto Contra Felicem citado por Ricoeur, e diz em relação ao pecado original, o dilema da vontade má e a natureza má o seguinte:

esse que ou... ou designa o poder e não uma natureza... se há penitência, é porque há culpabilidade; se há culpabilidade, é porque há vontade; se há vontade no pecado, não é uma natureza que nos constringe (1988, p.283).

Essa citação de Santo Agostinho está inserida no ambiente que lida com o texto de Mateus 12.33, falando sobre a questão dos frutos e da raiz. O texto de Mateus está escrito da seguinte forma: Considerem: uma árvore boa dá bom fruto; uma árvore ruim, dá fruto ruim, pois uma árvore é conhecida por seu fruto (NVI). As palavras de Agostinho expõem o olhar, a hermenêutica que desenvolve e que tem como produto a doutrina do pecado original. Na leitura simplesmente o bom, boa, ruim são aquilo que a literalidade estabelece. Agostinho não busca no texto outro sentido que não seja aquele que a simplicidade da leitura rege. Nessa linha, a literalidade para Agostinho basta, não os sentidos ocultos, mas sim aqueles que estão na historicidade das palavras.

O exegeta Calvino declara o entendimento que tem sobre a doutrina do pecado original, influenciado pela visão Agostiniana quando diz as seguintes palavras a respeito de Romanos 8.20-22.

Como a vida espiritual de Adão era o permanecer unido e ligado a seu Criador, assim também o de Ele alienar-se foi-lhe a morte da alma. Nem é de admirar se, por defecção, afundou na ruína sua posteridade aquele que perverteu, no céu e na terra, toda ordem da própria natureza. “Gemem todas as criaturas”, diz Paulo, “não de sua própria vontade sujeitas a corrupção”. Se a causa disso se busca, não há dúvida de que estejam a sofrer parte desse castigo que há merecido o homem, para proveito de quem elas não são criadas (1985, p.06).

Percebemos que a exegese feita por Calvino não está comprometida com o ambiente filosófico, não é determinada por ele, mas parte de uma leitura das Escrituras sem imposição prévia de sentidos, e que compreende na literalidade aquilo que Paulo quis dizer. O sofrimento que a natureza suporta é real, notório e literal. As plantas e até mesmo o homem estão gemendo. Não existem sentidos ocultos. Com uma interpretação direta do texto, Calvino estabelece a doutrina do sofrimento tendo como causa primária a entrada do pecado no mundo.

Ainda sustentando e expondo a doutrina do pecado original Calvino diz o seguinte sobre o texto de Salmos 51.5:

Por certo que não ambíguo é o que Davi confessa: haver sido gerado em iniquidades e de sua mãe concebido em pecado (Sl 51.5). Não está ele aí a exprobrar as faltas do pai ou da mãe; antes, para que melhor exalte a bondade de Deus para consigo, faz remontar a confissão de sua iniquidade até a própria concepção. Uma vez que é evidente isto não ter sido peculiar a Davi,

segue-se que sob o seu exemplo se denota a sorte comum do gênero humano (1985, p.07).

Calvino não vê ambigüidade no entendimento do texto. Não vê outras interpretações senão a literal. A mente do autor Davi é consagrada. De fato, na visão de Calvino, Davi estava compreendendo a sua condição e lamentando por ela. A hermenêutica do reformador era tal que lia o texto e extraía àquilo que a forma direta de leitura expunha. Logo, a descendência de uma semente contaminada seria também contaminada.

As seguintes palavras de Calvino fundamentam a postura e visão sobre o texto inspirado.

Todos, portanto, que descendemos de uma semente impura, nascemos infectados pelo contágio do pecado. Na verdade, antes que contemplemos esta luz da vida, à vista de Deus já estamos manchados e poluídos. Pois, quem concederia provir o puro do impuro? Certamente, como está no livro de Jô (14.4), nem um sequer (1985, p.07).

Ainda Calvino, agora lidando com Romanos 5.12, expõe:

Ouvimos que a depravação dos pais assim se transmite aos filhos que todos, sem qualquer exceção, sejam poluídos em sua concepção. Não se achará, porém, o ponto de partida desta poluição, se, como à fonte, não remontamos ao primeiro genitor de todos. Deste modo, deve-se, por certo, sustentar que Adão não foi apenas o progenitor, mas ainda como que a raiz, da natureza humana e, daí, na corrupção daquele foi, com razão, corrompido o gênero humano. Isto o apóstolo faz claro da comparação daquele com Cristo. Diz ele: Assim como através de um só homem entrou o pecado no mundo inteiro, e através do pecado a morte, que foi propagada a todos os homens, uma vez que todos pecaram, assim também, pela graça de Cristo, nos foram restituídas a justiça e a vida (Rm 5. 12,17) (1985, p.07).

O fundamento de partida calvinista para a elaboração da tese sobre o pecado original, está sobre um olhar que vê com simplicidade e clareza a intenção de Paulo ao escrever o texto de Romanos 5. João Calvino não entende aquilo que Paulo não entendia, mas se além àquilo que Paulo fala no texto, nos revela, em relação à doutrina do pecado original. A impressão que dá ao ler o texto de Calvino é que ele não está só preocupado em atacar as heresias contemporâneas, ainda que esteja atrelado ao movimento da reforma, mas percebemos fidelidade em relação ao texto e suas intenções que desdobravam na defesa da fé.

O reformador Calvino, ainda comentando a epístola aos Coríntios, faz o seguinte comentário que corrobora a compreensão daquilo que em Cristo, sua ressurreição, temos.

Quem declara que havemos todos morrido em Adão, já, ao mesmo tempo, também atesta abertamente estarmos enredilhados no labéu de seu pecado. Pois nem a condenação alcançaria àqueles que de nenhuma culpa de iniquidade fossem tangidos. Mas, o que Paulo visa, não se pode entender mais claramente que da relação do outro membro da cláusula, onde ensina ser restaurada em Cristo a esperança da vida. É, porém, sabido de sobejo que isso se não pode dar de outra maneira que onde, mercê dessa admirável comunicação, Cristo transfunde em nós o poder de Sua justiça, tal como está escrito, em outro lugar: “Vinda é-nos o Espírito, em razão da Sua justiça” (Rom 8.10) (1985, p.08).

As palavras de Calvino ressaltadas da seguinte *perícope* de citação acima, *Mas, o que Paulo visa não se pode entender mais claramente que da relação do outro membro da cláusula* é muito interessante e pertinente porque expõe que os ensinamentos e princípios não estão entrelinhas, mas nas linhas, de forma que todos com uma leitura atenta podem entender. Não há para ele algo mais claro na exegese do que entender as palavras usadas da forma que o autor original a entendeu para então as usar. Os desdobramentos lógicos são claros para Paulo se morremos em Adão em Cristo vivemos.

Ainda Calvino diz:

Nem é defensável interpretar-se de outra forma o que se diz, *que em Adão havemos morrido*, senão que ele, em pecando, não apenas acarretou a si próprio a miséria e a ruína, como também precipitou nossa natureza em derrocada semelhante (1985, p.08).

Percebemos a exegese de forma clara e aplicada na compilação duma doutrina tão importante para a teologia como a doutrina do Pecado Original e a transmissão do mesmo. A busca pela mente do autor, suas intenções legitimam o método de exegese, e faz com que pela estrutura do texto se chegue a compreensão dos princípios revelados na Palavra de Deus.

5.2 Aplicação da Hermenêutica da Suspeita de Paul Ricoeur

A questão da intenção autoral em Paul Ricoeur, mais precisamente como ela é construída, passa pela resolução de suspeitar da estrutura em que a teologia tradicional foi e está formada. O filósofo Ricoeur, de certa forma, desconstrói a interpretação teológica tradicional que é fruto de uma hermenêutica literal sobreposta aos textos bíblicos para assim chegar na real intenção do texto que está para além da literalidade.

Primariamente Paul Ricoeur refuta a idéia de uma intenção autoral possível de ser averiguada completamente, devido à distância que estamos em relação ao autor original, logo parte desse pressuposto e se apóia no estruturalismo de Saussure para o creditar. Veremos mais adiante como essa compreensão se difunde e suspeita da doutrina do Pecado Original.

O filósofo francês parte imediatamente de um pressuposto mitológico para olhar sobre os textos e assim produzir a estrutura. As histórias não são verdadeiras mas são mitos, elementos de conceitos muito maiores. Sua tese é:

Face a esse triplo mito, a narração da queda de Adão. É o único mito propriamente antropológico; pode-se ver aí a expressão mítica de toda a experiência penitencial do antigo Israel. É o homem que é acusado pelo profeta. É o homem que, na confissão dos pecados, se descobre ser o autor mal e discerne, para além dos atos maus que ele debulha no tempo, uma constituição má num acontecimento irracional surgido de repente do seio de uma criação boa. Ele encerra a origem do mal num instante simbólico que acaba a inocência e começa a maldição. Assim, é por meio da crônica do primeiro homem que o sentido da história de todo homem é desvendado (1988, p.289).

Estabelece a consciência em relação à questão hermenêutica com lente mitológica sobre os textos bíblicos, mais especificamente Gênesis 3. A tese que procede do pressuposto mitológico faz dos símbolos então, a raiz da interpretação. Como percebemos nos capítulos acima, a decisão de Ricoeur pela lingüística saussuriana esclarece a escolha e fundamenta as interpretações além do código direto para as intenções contidas na *langue* ou mensagem.

Mudge, dissertando sobre a questão do mal e dos mitos ricoeurianos diz:

Em *The Symbol of Evil*, Ricoeur percorre essa declaração do símbolo primitivo da “mancha”, através da incorporação dos símbolos para narrativas que chamamos mitos. Ele descobre que o mito adâmico resume e sintetiza

muitos dos temas de outros mitos, e assim funciona como a maioria das expressões imaginativas adequadas ao que está envolvido com nossa implicação com o mal. O mito nos capacita o que nosso equipamento conceitual não pode (RICOEUR, 2004, p.36).

Nessa direção Ricoeur parte para a definição e exposição do ideal quanto à questão do mal. Compreendemos que o mito carrega com maior amplitude as mensagens expostas dentro do código, logo se eleva que o entendimento de que a forma direta, literal, é a única na qual se pode buscar a interpretação dos textos não se efetiva na visão ricoueriana, porque o texto tem muito mais a dizer do que a literalidade pode expor.

Portanto, percebemos a junção dos signos literais, técnicos ou compreensão direta com os signos simbólicos que carregam a *langue*. Mas, de certa forma, não descarta a questão histórica dos códigos, mas declara a sua insuficiência necessária. Ricoeur, no livro *Conflitos de Interpretações*, fala o seguinte, ainda sobre o mito adâmico.

O mito adâmico revela ao mesmo tempo esse aspecto misterioso do mal, quer dizer, que se cada um de nós começa, o inaugura-o que Pelágio viu bem-, também cada um de nós o encontra, o encontra já aí, nele, fora dele, antes dele. Para toda a consciência que desperta para a tomada de responsabilidade, o mal já está aí (RICOEUR, 1988, p.279).

Nessa linha, Ricoeur entende a questão do mito adâmico, mas não exclui o entendimento histórico do signo ou símbolo, mas o amplia. Ao olhar para Agostinho não desintegra as tradições teológicas elaboradas por ele, mas as usa, no sentido de valorizar a busca pelo sentido literal da compreensão sobre Gênesis 3. Santos Junior, a propósito diz:

Mesmo em vista disso, a importância de Agostinho não pode ser diminuída com a alegação de que ele racionalizou o mito a tal ponto que seu conceito tornou-se também uma quase gnose. Embora seu conceito não tenha consciência própria, ele repete o sentido do próprio mito que revela essa ambigüidade da experiência do mal na existência humana em que cada um já o encontra, ao mesmo tempo em que é o responsável por sua propagação.

Vemos que a influência dos padres latinos e reformadores, não é expurgada por Ricoeur, mas encontra sua abrangência em um olhar mais efetivo sobre o mito, daquilo que ele mesmo, o mito, literalmente aponta, a compreensão mais além do que se pode ver na forma direta.

Dessa forma se faz necessário expor com maior propriedade a questão do uso das ciências pós-iluministas para a compreensão do mito, sobretudo a psicologia freudiana. Paul Ricoeur recorre a Freud por causa dos sentidos inconscientes do homem, sua consciência e inconsciência no exercício da interpretação. Lewis afirma isso quando diz:

A experiência não é lida diretamente, mas através de sua expressão figurativa... Ricoeur interpreta a psicanálise freudiana como uma disciplina hermenêutica em seu próprio direito, uma hermenêutica que sugere que certas formas simbólicas ocultas da consciência diária mais do que elas revelam. Todavia, através da interpretação, essas formas podem ser produzidas para revelarem aspectos reprimidos de nosso ser (RICOEUR ; PAUL, 2004, p.22).

Sem entrar profundamente na questão dos fundamentos da psicanálise freudiana, percebemos a associação das ciências contemporâneas na interpretação dos símbolos no complexo hermenêutico ricoeuriano, que assim acrescenta ao texto interpretações não diretas, não compreendidas literalmente, mas que estão na consciência do leitor e quiçá do escritor. De certa forma, Ricoeur analisa o texto e estabelece dentro da estrutura um campo não investigado pela exegese conservadora, que é a imaginação, a consciência e inconsciência do leitor, trabalhadas por Freud.

Então, a conclusão que Ricoeur chega é a seguinte,

Os conceitos não têm consciência própria, mas remetem para expressões que são analógicas e são-os não por falta de rigor, mas por excesso de significação... É preciso, por conseguinte, arrear o caminho: em vez de se afundar mais para a frente na especulação, voltar à enorme carga de sentido contida em “símbolos” pré racionais como aqueles que a Bíblia contém, antes de toda a elaboração da língua abstrata...Por meio destes símbolos, mais descritivos do que explicativos, os escritores bíblicos visavam certos traços obscuros e obsidianes da experiência humana do mal, que não podem ser admitidos no conceito puramente negativo da falta... (1988, p.277).

Ricoeur, ainda falando sobre o mito expõe:

Mas esta função de universalização para o gênero humano da experiência de Israel não é tudo... Ao transferir a origem do mal para um antepassado longínquo, o mito descobre a situação de todo o homem: isso já aconteceu; eu não começo o mal, eu continuo-o; eu estou implicado no mal. O mal tem um passado; ele é o seu passado; ele é a sua própria tradição. O mito ata, assim, na figura de um antepassado do gênero humano todos os traços que enumeramos ainda agora: realidade do pecado anterior a toda a tomada de consciência ... (1988, p.279).

Percebemos então que para Ricoeur o mito adâmico é muito mais de uma ocorrência unívoca e direta de algo sobre a entrada do pecado no mundo, e tem por trás, da mensagem mitológica todo um *background*, não literal, psíquico que precisa ser analisado e lidado. Assim se demonstra a morte do escritor, porque no mito existe muito mais do que a literalidade pode colher, e muito mais do que até mesmo o escritor pode colher e dizer. Ele revela uma amplidão de interpretações, mas com limites estruturais.

Assim, conclui com três avisos importantes quanto ao seu método de interpretação, o olhar sobre o mito defendido por ele:

Nunca temos o direito de especular sobre o conceito de pecado original – que, considero nele próprio, é apenas um mito racionalizado... ele explicita o mito adâmico, como este explicita a experiência penitencial de Israel. Aí está sem dúvida o mistério último do pecado; nós começamos o mal, por nós o mal entra no mundo, mas nós apenas começamos o mal a partir de um mal já aí... O pecado original é apenas um antítipo (1988, p.281).

Ricoeur conclui o seu olhar hermenêutico sobre o mito adâmico, Gênesis capítulo 3, e efetiva seu método hermenêutico que se desdobra em uma busca, de certa forma, pela intenção do uso do código historicamente e que se amplia na compreensão simbólica trazendo para a teologia conservadora uma visão mais profunda sobre a questão do pecado original.

6. CONCLUSÃO

Entendemos que a hermenêutica literal-histórica-gramatical, a mais aceita no meio teológico conservador, propõe uma visão fixa sobre a exegese onde a busca pela intenção autoral está fortemente presente estabelecendo assim uma visão mais simples, porém, não simplista dos textos bíblicos, revelando objetivamente a verdade que deve ser aplicada a vida cristã.

Consideramos os diversos questionamentos em relação as possibilidades reais de interação com a intenção do autor que Paul Ricoeur faz, e percebemos que a hermenêutica ricoeuriana se firma em fundamentos extremamente complexos, que se relacionam com textos bíblicos e escritos de outros teólogos como podemos ler o que Ricoeur direciona a Santo Agostinho, fazendo algumas considerações e questionamentos importantes a fim de que hermenêutas conservadores reconsiderem a “romântica”, segundo Ricoeur, forma de interpretar a Bíblia.

Observamos também que a escola de Paul Ricoeur, não está tão longe assim da tradição, ao menos pelo fato de tentar conversar com teólogos conservadores e traçar paralelos com seus escritos e ainda assim aprofundá-los acrescentando a perspectiva mitológica de interpretação dos textos sem defender as multiplicidade de interpretações.

Reconhecemos que inúmeras portas ainda estão abertas no debate hermenêutico exposto nesse trabalho. Concordamos que devemos buscar com maior habilidade o diálogo com hermeneutas que pensam a questão autoral como Gadamer, Derrida, Severino Croato e outros. Aprofundar a tentativa de disciplinar os extremos e caminhar sempre reconsiderando os prumos hermenêuticos adotados e por último implicar os ensinamentos e defesas desses conceitos na ética da igreja evangélica moderna.

Por fim, esperamos que esse trabalho incentive o leitor a uma busca pela verdade, conscientes de que na tentativa de expor algo tão complexo e dependente de tantas mais páginas possa encorajar o leitor a primar por uma fiel compreensão que provém das Escrituras Sagradas, desdobrando em uma vida de fé e piedade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- DICIONARIO DE TEOLOGIA VIDA. São Paulo: Vida, 2000.
- DOCKERY, David S. *Hermenêutica Contemporânea á luz da igreja primitiva*. São Paulo: Vida, 2005.
- HALL, Christopher A.. *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*. Viçosa: Ultimato, 2000.
- JÚNIOR, Reginaldo José dos Santos. *A Reciprocidade Explicativa entre o mal e a Liberdade*, 2005.
- NICODEMUS, Augustus. *A Bíblia e seus Intérpretes*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
- RICOUER, Paul. *Conflitos da Interpretação*. Porto: RÉS, 1988.
- _____. *Ensaio sobre a Interpretação Bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004.
- _____. *O Mal um desafio à filosofia e à teologia*. Campinas: Papyrus, 1988.
- _____. *Teoria da Interpretação*. Porto: Porto, 1999.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- UWE, Wegner. *Exegese do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal e Paulus, 2005.
- WHITE, Rev. James. *Sola Scriptura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- SCHENELLE, Udo. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004.